

## O UNI-VERSO DE QUINTANA

Maria Virgínia Poli de Figueiredo \*

"Treme a folha no galho mais alto...

O vento fareja-me a face como um cachorro. Eu farejo o poema. Ah, todo o mundo sabe que a poesia está em toda a parte, mas agora cabe toda ela na folha que treme.

Por que não caberia então em único verso? Um uni-verso.

Treme a folha no galho mais alto".

(CH 104)

"O homem, esse exagerado, acha o cosmos infinitamente grande e o micróbio infinitamente pequeno. E ele? Ora, ele acha-se do tamanho natural. Mas, aos olhos de Deus, cada ser é um universo. E, só para vos dar uma trinca de exemplos, a estrela Sírius, o bacilo de Koch e o prefeito de Três Vassouras são infinitamente do mesmo tamanho". (CS 07.02.76)

O título do trabalho: o uni-verso de Quintana, tem sua explicação nas epígrafes escolhidas: toda a poesia cabe em único verso e cada verso é único, original, irrepetível. Além disso, como afirmou o professor Gilberto em conferência pronunciada em 1974, referindo-se aos provérbios e à obra de Quintana: "O enunciado esconde sempre uma referência, não se esgota em si mesmo. O que conta é o universo físico, ético, religioso, político-social."

O trabalho que nos propusemos a fazer e cujo resumo passamos a apresentar, está baseado em alguns pontos:

Vivemos a era do sistema. Em todos os campos da atividade humana, dá-se ênfase aos aspectos estritamente formais. Esta mentalidade tem a estrutura em tal conta que parece esquecer o homem.

Não admira, pois, que até nas artes, na literatura, os estudiosos pareçam deslumbrados ante a engenhosidade dos modelos, ante a tessitura da estrutura.

Isto decorre da mentalidade cientificista dos nossos tempos, que é comum nas épocas de grande progresso tecnicista.

É uma herança do século passado, impregnado que estava de positivismo. O materialismo positivista, tendo sido superado pelo subjetivismo, a partir das descobertas de Freud, conseguiu sobreviver pelo que tinha de relativismo, do qual o estruturalismo é uma expressão.

Greimas, na obra, **Semântica estrutural** e em um ensaio **Pour une théorie du récit mythique**, formula uma teoria que pretende dar uma explicação científica da significação do texto — é a isotopia.

A isotopia mostra o sentido advindo da coerência lógica dos elementos. A leitura isotópica é uma leitura imanente, que vê o texto como um jogo de foras latentes que se repetem e por isso mesmo se confirmam sob manifestações diferentes.

Concordamos em que a análise deva ser imanente. Não é o autor ou o mundo em que vive que vai explicar a obra, mas na obra "está implícito o espírito do homem, vive a alma do homem como a forma de imaginação e a força de sentimento que lhe pertencem, com a visão do mundo peculiar à sua época e que o autor exprimiu com as tendências individuais e coletivas a que ele deu voz, profeta de si, dos outros, da verdade." (Antunes, Manuel — **Ao encontro da palavra**)

\* A professora foi aprovada na Dissertação sobre o Uni-Verso de Quintana no Mestrado na PUGRS no dia 23/7/78.

Sentimos na obra de Greimas uma preocupação: voltado para os problemas da significação, que caracterizam o mundo do homem, a proposição de Greimas aparece como a de um legítimo filósofo da lingüística, mas que ainda não resolveu muitos de seus problemas. Como estruturalista fica na tese e na antítese, não chega a uma síntese. Eis por que chega no máximo a uma constatação, nunca a uma conclusão.

Diríamos que Greimas lançou as bases de um estudo que o dinamismo próprio das novas pesquisas se encarregará de levar mais adiante.

Os esquemas armados nada diriam ao leitor que, empiricamente já não tivesse decodificado a obra. A determinação da isotopia seria, no máximo, a confirmação, pelo analista, do que já sentira pela magia do texto o leitor.

É como se a gente desidratasse um futuro. A estrutura seria o fruto em pó, que necessita da adição de novos elementos para se tornar apeteável.

Mas o estabelecimento da isotopia é válido, desde que se tenha consciência de seus limites. Ele é válido como um primeiro momento da análise, como um primeiro critério de sistematização ou como confirmação do que já o leitor sentira.

A isotopia pode ser aplicada tanto a um gênero literário quanto a uma escola ou a um autor. Preferimos a obra de um autor.

Queríamos um grande autor. Teoricamente poderíamos ter escolhido qualquer autor, romântico, realista, modernista, bem característico de um determinado momento de nossa literatura. Preferimos um grande autor sem outro comprometimento senão com a própria poesia.

Nossa escolha recaiu em Mário Quintana.

Já de longa data, lendo Quintana, sentíamos que sua comunicação era de tal ordem, que tínhamos a impressão que, mesmo antes de o compreender ele já nos compreendia. Era como se ele nos roubasse os versos da boca. Sentíamos o seu feitiço, pois feiticheiro ele é.

Uniríamos assim o gosto da pesquisa com o prazer da leitura. Nada mais fizemos do que seguir um conselho seu. Certa vez, diz ele, ao escrever um conto árabe, terminou assim: "E Mohammed, entre aqueles dois conselhos escolheu o que lhe soava melhor".

Escolhemos também, entre tantos bons autores, o que nos soava melhor.

Por outro lado, Quintana não só faz poesia, como também fala sobre o que é o fazer poético, isto é sua obra possui os elementos de uma verdadeira "ars poética".

Entendemos fazer poético no sentido empregado pelo Professor Gilberto quando diz que a obra de Quintana é um excelente modelo para um estudo da metalinguagem interna em que o sujeito da enunciação se volta para o próprio discurso.

Em Quintana está praticamente tudo o que se pode saber sobre poesia, e se mais não se sabe é porque ainda continua escrevendo.

Todo o sábado é um dia feliz, um dia de festa, porque um novo Caderno H aparece no jornal. (Quintana mesmo diz: feliz o dia em que os jornais estão cheios de poesia!). A obra de Quintana está cada vez melhor!

Lemos Quintana e nos encantamos. Quisemos então saber quem era o autor. Surgiram daí alguns traços biográficos que tivemos por bem colocar na introdução de nosso trabalho.

A primeira parte do trabalho está dedicada a uma visão geral da obra de Quintana. Vimos a possibilidade de classificação. Não pretendemos incluí-lo em nenhuma escola literária pois, como ele mesmo disse "é um gazeador de escola desde assinzinho, ou que pertencer a uma escola literária é o mesmo que ser condenado à prisão perpétua.

É claro que Quintana ao fazer poesia não se preocupou com classificação. O que se verifica é que cada título de um livro de Quintana é um elemento de sua arte poética: Rua dos Cataventos. A rua, que é o mundo em que vive, capta toda a energia dos ventos, que em Quintana simboliza o movimento.

Canções são canções mesmo, como, na maioria das vezes, a poesia é canto. "Cantar é outro modo de conversar." (Eliot)

Sapato Florido é a intimidade do homem com as coisas que usa. O sapato como o barco é o que conduz o homem nos cami-

nhos ou mares da vida.

Aprendiz de feiticeiro é o aspecto da poesia enquanto obra do Criador ou feiticeiro.

Espelho Mágico. O espelho é a própria poesia que reflete a vida e medita sobre ela. "A nossa própria alma panha-nos nos espelhos que olhamos sem querer."

A nota característica de toda a obra de Quintana é o lirismo que está presente tanto quando procura nomear o mundo concreto, surpreendido pelas coisas simples, como também quando denuncia o mistério. Está presente, quer falando sério ou repassado de humor.

Se por um lado nos sentimos jubilosos diante de uma emotividade profundamente criadora de significações, por outro, sentimos a dificuldade de fazer um estudo objetivo sobre um texto eminentemente lírico. Foi por isso que, na primeira parte do trabalho tentamos caracterizar o texto lírico e o discurso crítico, argumentando sempre a partir das palavras de Quintana.

A segunda parte trata da proposta estruturalista, a partir do conceito de isotopia de Greimas. Vimos aí o que Greimas entende por usotopia, a validade e os limites da leitura isotópica.

Na terceira parte do trabalho fizemos a aplicação do conceito de isotopia à obra de Quintana. Determinamos a estrutura que nos levou aos modelos da obra em estudo. Sentimos que estas estruturas eram apenas o esqueleto, não poderiam ser o fim da análise. A partir dos elementos da estrutura que a isotopia nos forneceu, fizemos, na quarta parte, o estudo da temática, que revelou a obra toda em sua irrepetível individualidade. Tentamos destacar a significação ideológica da obra de Quintana, uma vez que é uma reflexão crítica sobre a situação do homem no mundo, entre condicionamentos e busca de superação. A poesia aparece como revelação desta situação.

Nesta parte, a maior do trabalho, determinamos os condicionamentos que está sujeita a existência humana referidas na obra em estudo: tempo, espaço e os decorrentes de sua condição político-social.

O primeiro condicionamento que vimos foi o do tempo. Para Quintana a condição de tempo que pára com a morte é uma condição de vida. Só aos vivos é dado ter consciência da fugacidade do tempo.

O outro condicionamento a que está sujeito o homem em sua existência é o espaço que, no dizer de Quintana, é recortado pelo homem: "O espaço é cheio de buracos: nós, as coisas, os mundos. Mas o verdadeiro tamanho do espaço é o poema.

Uma das características de Quintana é a síntese. Ele cria miniaturas para a apreensão do espaço:

a cidade é a vida social-política (pólis), entidade organizada onde o homem é súdito vivendo as contingências do progresso, da pobreza, da poluição, da política.

a rua é o espaço de vida comunitária

a casa é a síntese do mundo individual, dentro do qual cada

um tem a sua psicologia, suas manias, seu subconsciente (porção sua escada (sua vida), seu relógio (seu tempo).

A janela é a ligação com o mundo exterior e a transcendência.

A escada é a duração da vida, a ligação entre a espacialidade e a temporalidade.

A obra de Quintana é assim uma aula de filosofia. Diz ele: "eu só poderia dar uma noção do nada se não tivéssemos nascido. Agora é tarde, muito tarde minha filha... Ah, deliciosamente tarde."

O terceiro condicionamento humano é o social. Ao tratar do social, Quintana o faz em dois sentidos, ambos colaborando para um mundo melhor. Primeiro Quintana faz a crítica da vida social e política no que tem de pitoresco e de errado. Vem carregado de humor, com traços caricaturais bem delineados, reveladores de aguda observação e expressividade.

No segundo aspecto do social vemos a decisão de Quintana de colocar sua poesia a serviço dos menos favorecidos: são os loucos, os mortos, as crianças, as amadas, os amigos. Sua poesia penetra o mistério da dependência, da sina dos pobres. E o que move o poeta em tal comportamento é o amor. Para Quintana todos os poemas são de amor.

Dos condicionamentos passamos à superação. E aí vemos que os Anjos são uma presença constante na obra de Quintana. Ela mesmo diz que os anjos devem existir, por certo, em vista da insistência com que aparecem em seus poemas.

O poeta vive em dois planos: o temporal e o eterno. O Anjo também. O poeta é um ser que vive no céu. O Anjo um ser celestial que vive na terra. O Anjo, em quintanares é o símbolo do encontro de dois mundos: O Anjo chama o poeta: um anjo gritou meu nome. O poeta chama o Anjo: "Vem, Anjo da Guarda, entre-mos no bulício quotidiano."

E assim o poeta mostra o desejo de superação, de imortalidade.

A imortalidade, para Quintana é uma exigência da alma humana: "Tenho pena da morte, cadela faminta, a que deixamos a carne doente e finalmente os ossos, miseráveis que somos... O resto é indevorável."

A libertação total, isto é, a visão de Deus, pode se dar ou por via racional, que é mais custosa: "A teologia é o caminho mais longo de chegar a Deus", ou pelo caminho da simplicidade, pois a todo o homem é dado divisar a divindade" inda a mais vil mulher, inda o mais triste poema, palpita sempre neles o divino anseio da beleza suprema". O homem não tem condições de chegar a Deus por si mesmo. Deus é que se deu e se dá aos homens pela redenção e pela revelação dos profetas e dos poetas. O poeta quando escreve revela a eternidade nas mínimas coisas, porque ele mesmo é o portador do mistério.

O terceiro aspecto da temática de Quintana trata do fazer poético. Quintana não só faz poesia como teoriza sobre o que é poesia. É por isso que consideramos Quintana como um poeta da mo-

dernidade: por sua maneira de dizer simples, coloquial, cotidiana e também por seu tema: a reflexão sobre o que é a poesia, o que se constitui na sua arte poética.

Mario Quintana parte de sua própria experiência interior, e toda a sua variada temática e sua maneira de dizer confirmam a sua teoria. Para Quintana a poesia é encantamento. Ao exprimir-se o poeta usa as palavras como fórmulas mágicas, criando, antes de tudo, uma atmosfera, pelo ritmo, pelo colorido, pela música. Tudo isto requer esforço e dedicação. Mas ele não desiste, porque o poeta nasce com o homem e com o menino. É uma exigência de seu ser. É um chamamento, é sua vocação.

E a vocação do poeta Quintana é cantar os seus quintanares: apologia do mistério que envolve a existência humana em sua trajetória da limitação, dos condicionamentos para a superação, para a eternidade.

Quintana revela o mistério da criação e da redenção: para ele toda a verdadeira poesia revela este mistério. É o mistério do amor, é o mistério da beleza, da verdade. É o mistério de Deus.